

## VIAGEM AO NORTE E NORDESTE

## CONHECEREI O NORTE BELÉM - BRASÍLIA



ALFREDO MESQUITA  
Especial para o ST

Livres pela estrada, a mesma que nos trouxe até cá. Surge Anápolis à direita. Contornamos pelo trevo. Passamos rente à cidade sem chegar até lá. Daí, curva à direita. É o princípio da Belém-Brasília, ainda asfaltada por mais 100 quilômetros. Depois, terra. Mas bem conservada, deserta. Chegamos à primeira residência ou escritório da Rodobrás. O engenheiro não está. O funcionário que nos espera (recebeu aviso pelo telex) gostaria de nos servir, mas motorista mesmo, como gostaríamos de ter, não há. Temos de continuar sem ele, com Moysés no volante. Regiões desertas, terreno ondulado, "cerrado" e mais "cerrado". Cidadezinhas ou, menos, povoações à beira da estrada, movimentadas mas paupérrimas. Postos de gasolina bem montados. Não nos sentimos no sertão, desamparados, perdidos em solidão. Talvez seja o movimento intenso da estrada....

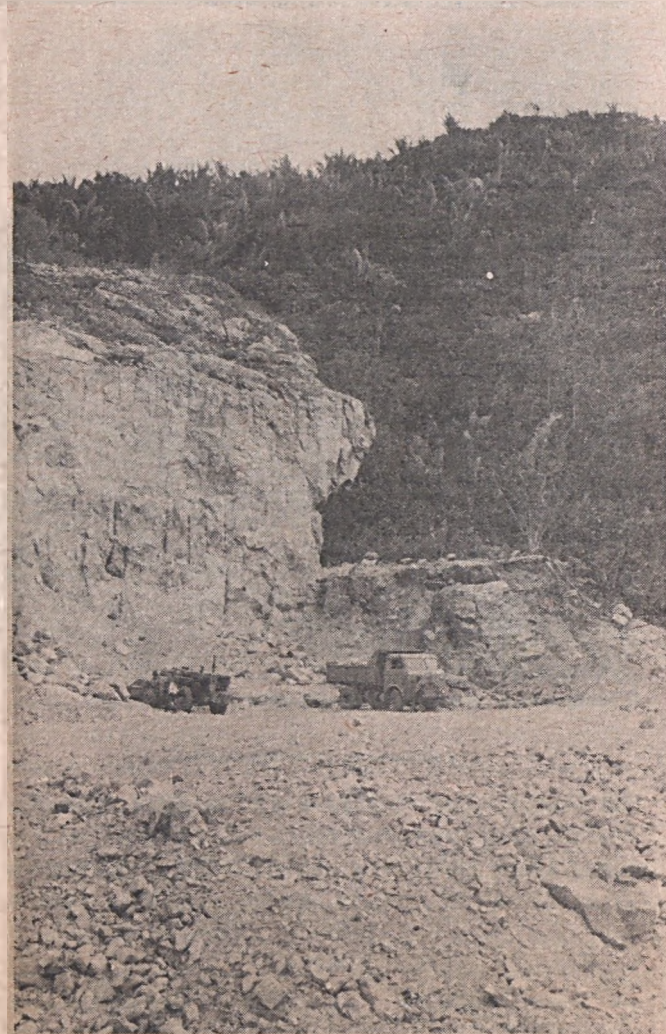
Se, durante horas e horas o panorama não muda, "cerrado", "cerrado" sempre, sem um morro, uma serra para distrair a gente; a estrada, essa, varia à vontade. Quer dizer, mal se faz alguns quilômetros sobre ela, nem isso, e já se tem de tomar algum desvio ou variante — dá tudo na mesma — péssimos todos. Caminhos mal abertos ao lado da estrada ou fugindo dela a perder de vista, ora lá em baixo — e por isso disse "sobre ela" — ora cima, em subidas ziguezagueantes, enquanto "ela" propriamente dita fica em baixo, lisa, em cortes profundos, intransitável, por estar em obras ou ainda não aberta ao tráfego. E lá vamos nós aos trancos e barrancos pelos tais desvios sinuosos e esburacados, numa poeira de cegar, de tirar a respiração à gente. "Oitenta e cinco por cento do caminho

A rodovia Belém-Brasília, BR-14, foi inaugurada oficialmente a 21 de fevereiro de 1959, pelo então presidente Juscelino Kubitschek, quando ficou pronta a ponte de Estreito, no rio Tocantins, divisa dos Estados de Goiás e do Maranhão. São 2.200 quilômetros de estrada, começando em Brasília e terminando em Belém. Atravessa os Estados de Goiás, Maranhão e do Pará, atualmente apenas parte sobre asfalto. O resto, tudo terra vermelha, que vira poeira durante seis meses, e lama durante outros seis meses. Mas essa estrada de poeira e de lama é responsável por três quartas partes das importações da região Amazônica, feitas no sul do País. Prevista para ser totalmente asfaltada até fins de 1975, tudo faz crer que até o fim deste ano, para muitos até outubro de 1973, deverá estar completamente pavimentada. Quando corria o primeiro mês de 1959, o engenheiro Bernardo Sayão, construtor e responsável pela Belém-Brasília, estava preocupado com o fim da rodovia. Faltava pouco mais de um mês para sua inauguração e ainda havia muito a derrubar. Bernardo Sayão havia mudado a barraca para ficar perto da derrubada. Eram as últimas árvores a cair. No dia 15 de janeiro de 1959 uma árvore enorme desabou sobre a barraca. Quando o corpo de Bernardo chegou a Açailândia, levado rapidamente num helicóptero, um operário que tinha sumido foi devolvido por um índio. Bernardo foi o primeiro a ser enterrado no cemitério de Brasília. Hoje, a Belém-Brasília chama-se "Estrada Bernardo Sayão". É uma das principais vias rodoviárias do Brasil, exercendo influência numa área de mais de 520.000 quilômetros quadrados, sobre uma população de dois milhões de habitantes.

que vão percorrer será em variantes e desvios"....lembro-me claramente do aviso de Jair, em Brasília....Oitenta e cinco por cento....Mal se pode lembrar do que nos foi dito nem é possível notar a monotonia do cerrado. Toda a atenção está presa ao caminho, aos buracos profundos em que se afunda, aos barrancos altíssimos que se ladeia "de fininho", mesmo quando nada se vê, imersos em revoltas ondas de pó, precedidos ou seguidos de perto, de pertíssimo, por caminhões apavorantes e invisíveis apesar dos faróis da Veraneio constantemente acesos, única precaução, ou tentativa de segurança, que se pode tomar na busca infrutífera de vislumbrar alguma coisa ou, pelo menos, de dar sinal aos que vêm em direção oposta, da nossa humilde presença....

E, mesmo nesses desvios e variantes, o tráfego é intensíssimo, em ambas as direções. Felizmente, parece que temos sorte. Não encontramos ainda um só louco que nos queira ultrapassar ou que se esqueça de tomar todas as providências possíveis para se fazer notado. Por minutos, por segundos, emergimos, arquejantes, das ondas de poeira para, mal respirarmos, sermos envolvidos em outra. A princípio ainda tentamos fechar as janelas da "perua" a ver se nos livramos da terra que nos envolve por todos os lados. Inútil precaução. Insinuante, a poeira se infiltra pelos menores vãos da carroçaria, apesar de cuidadosamente calafetada, e o calor, a falta de ar dentro dela é tal que, sufocados por sufocados, antes com os vidros abaixados....

Neste primeiro dia de verdadeira jornada, desistimos de parar para almoçar. Comemos o que trouxemos de Brasília: biscoitos, bolachas, frutas, pão e queijo, verdadeiro farnel que nos organizou a boa da Floramy, prevendo falta de



restaurantes apresentáveis, na estrada. No entanto, há, normais. Paramos em alguns deles, anexos aos postos de gasolina onde abastecemos o carro, e nos abastecemos com um cafezinho fraco e morno, uma boa garrafa de água mineral gelada, sorvida no gargalo, e repartimos (no sentido de partir mais uma vez), com medo de não chegarmos ainda com luz do dia à primeira pousada. Como não chegamos. Escurece, anoitece. A poeira e o movimento continuam intensos, cada qual a seu modo. Aliás, à noite, o problema da visibilidade não se torna mais grave. É o mesmo. Cobertos de terra da cabeça aos pés, sacudidos, chocalhados, atentos, chegamos finalmente a Gurupi onde, com o atraso que trazemos, o engenheiro-chefe já não nos espera. Esperou, informam-nos mas, como o tempo passasse e não aparecessemos, fora para a cidade, ali, pertinho. Sem sequer nos lavar, nos trocar famintos mas, engraçado, nada cansados, tocamos para lá. É uma povoação um pouco mais desenvolvida apenas, paupérrima, escura, miserável. Indicam-nos várias churrascarias. É o que não falta por estas bandas. (Interessante como os gaúchos tomaram conta dos restaurantes brasileiros. Se, em São Paulo e Rio, as churrascarias e pizzarias alternam-se, destes lados, as churrascarias implantaram-se sem concorrência). Pois vamos a várias, sem encontrar o nosso homem. Finalmente damos com ele no restaurante de um hotel, do qual seria pouco dizer modesto...À luz elétrica mas bruxuleante — parece que esses dois termos, eletricidade e bruxuleante, repelem-se, pois ali completam-se lindamente num quase lusco-fusco, o jovem engenheiro discorre cercado de belas mocinhas. Vê-se logo que é o Vatiflam do lugar, "el capricho de



# CONHECEREI



É sempre bom garantir o abastecimento

Continuação da página anterior

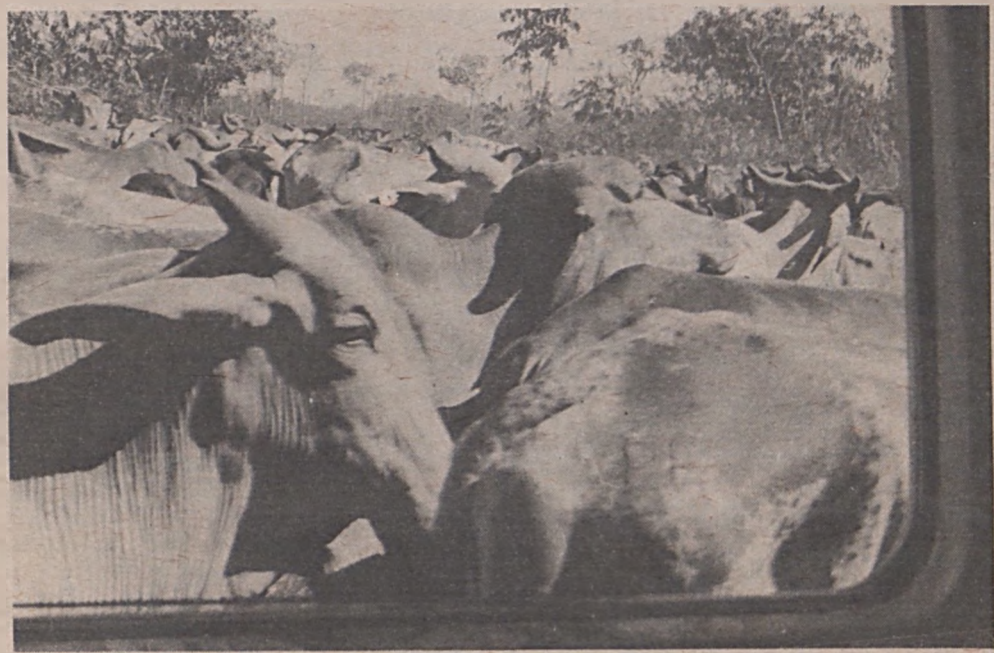
las damas”, personagem de comédia espanhola levada pelo Fróes, no tempo do Teatro São José. Vendo-nos, levanta-se e, muito amável, vem ter conosco. É vivo e simpático, não alto mas espadado, moreno e varonil. Assim requer o personagem. Chama-se Ronaldo, “como o nome indica”, na linguagem tão gostosa do Mário Neme (contista). Pede desculpas por não ter esperado no acampamento. Julgava, porém, que, dado o adiantado da hora, não mais chegássemos, aquele dia. Desde que ali estávamos era nos lavar um pouco, e jantar. Pedia, pois, “às damas gentis da corte gurupirense”, toalhas, sabonetes.

Guiou-nos depois à uma espécie de lavabo sob telheiro, onde se enfileiravam algumas pias... secas! Horror! E nós naquele estado de sujeira! Experimentaram-se todas as torneiras. Finalmente, da última pôs-se a correr um fiozinho d'água. Em que tentamos lavar as mãos, rostos e, possivelmente, cabeças. Sob aquela poeira toda, com os cabelos revoltos, a barba por fazer, eu não pareceria sequer um cangaceiro, nem seu pai, mas o próprio avô do cangaceiro! Esta a figura vagamente refletida num espelhinho rachado em que tentei me pentear. Sumariamente limpos, voltamos ao restaurante onde, executando as ordens do engenheiro Ronaldo, as belas garotas — belas, sim, não exagero nem enfeito o caso — bem vestidinhas, bem penteadas, maquiadas, tudo à última moda, tinham acabado de po a mesa. E ali nos serviram, animadamente, alegremente, lembrando-me as garçonetes da “Saule du Champagne”, em Greenwich Village, Nova York, por volta de 1948. As nossas conterrâneas, de melhor vontade por não servirem só a nós mas a Ronaldo, cortejando todas, dizendo-lhes gracinhas, finas piadas que as encantava a fazia rir. Estranho, comentei, um hotel de aparência tão... miserável e de tão pouco asseio servido por linda equipe de empregadinhas... Duas, explicou-me Ronaldo, eram as próprias filhas da dona do hotel — esta invisível, na cozinha, cozinheira de mão cheia porém — as outras, coleguinhas, todas professoras, nativas do lugar, estudando ou trabalhando fora, vindas a passar o mês de férias com as famílias. Tudo explicado. “Jantamos lindamente”, como ouvi di-

zer, à porta do “Tavares”, em Lisboa, certa noite de dezembro de 1929 em que, por sinal, soprava a “bise”... Tantos anos faz... no entanto, a frase nunca me esqueceu. Reconfortados pela ótima, comida, conversamos enquanto as garçonetes ocupavam-se alhures. Foi então que Ronaldo me contou da grande vontade que tem de viajar, como pretende trabalhar no duro num ano ou dois, economizar o mais possível para, depois, ir conhecer a Europa, e se possível, o Oriente. Dou-lhe toda a razão, animo-o quanto posso, acenando-lhe apenas com o perigo de um casamento prematuro, vindo estragar tudo. Cercado por tanta moça bonita, tantas e tamanhas tentações, cuidado! Um passo em falso e iriam por água abaixo seus lindos planos. Não havia perigo, asseverou-me. É que em Gurupi não há mesmo outras distrações e a solidão pesa. Tinha juízo, porém, não perderia jamais a cabeça, atingiria em breve o seu ideal, viajar! Pouco depois despedíamos das incautas garçonetes, talvez um tanto magoadas por lhes roubarmos tão cedo o galã, e voltamos ao acampamento onde, finalmente banhados — a fundo agora, e a diversas águas — nos acomodamos confortavelmente para a noite. Curta. Já devia ser tarde e tínhamos de nos levantar antes do sol, na madrugada seguinte. Antes de adormecer ainda a eficiente assistência da Rodobrás, que nos livrava de hotéis imundos por outro lado tão cheio de encantos — como aquele onde jantáramos e nos dava pouso a noite num acampamento, de certo modesto, mas limpo e, em suma, bastante confortável...

Dia 18/7 — Levantar às cinco e meia. Toma-se um café sumário em companhia de Ronaldo. Acabo de descobrir com quem ele se parece: com um ex-aluno da EAD, o menino Ricardo de Luca; é mais fino, porém. Teremos de agora em diante um novo motorista. Lourival, caboclo escuro, ótimo chofer. Bem educado, não quer receber a gorjeta que lhe ofereço. Só aceita quando lhe digo que é para comprar alguma coisa para o filho. Deixamos Gurupi. Estrada desigual, às vezes muito boa, com retas infundáveis, lisas e deslizantes, outras péssima, aberta por areiões traiçoeiros.

Por termos um motorista da Rodobrás, conhecido na região, podemos circular, sempre que possível, pela estrada nova, a “implantada”,



Boiadas cercam o veículo de vez em quando

como a chamam aqui, em preparo para o asfalto, mas ainda não liberada para o tráfego em geral. As partes planas, pelas quais passamos, estão praticamente prontas. É nas baixadas que se tem de tomar por desvios, descendo a grotas por cima das quais pontes são construídas ou por onde corre água que está sendo canalizada. Trabalhos gigantescos, dantescos, no seu aspecto tremendo, confuso. Naqueles fundos, os trabalhadores seminus surgem enterrados até meio corpo na lama ou submersos na água até a cintura, lidando com encanamentos de diâmetros colossais puxados, enterrados, levantados por guindastes gigantescos. Ao redor, tratores, jantantas, caçambas, tudo em movimento, tudo gemendo, guinchando, fumegando como monstros agressivos. Terra remexida, revolvida, mata desbravada, calcinada. Ronaldo deu ordem para que nos deixassem passar por aqui e não pela “Pioneira” por fazer questão que vissemos o seu trabalho que, diz ele, deve estar terminado em 1973. E toda a Belém-Brasília até 1975. No que, nem de longe, posso crer. Pouca gente trabalhando para que tudo fique pronto tão depressa. Explicam: estão apenas no começo da tarefa, instalando-se, por assim dizer. Uma vez tudo em ordem, a coisa vai andar com muito mais rapidez. Ainda bem. Só assim vai-se ficar livre destas variantes que encompridam o percurso de uns vinte quilômetros em cento e cinquenta. Pronta, a estrada — a “implantada”, como é chamada, retificação, correção da “Pioneira, muito mal traçada — será maravilhosa, disso não há dúvida.

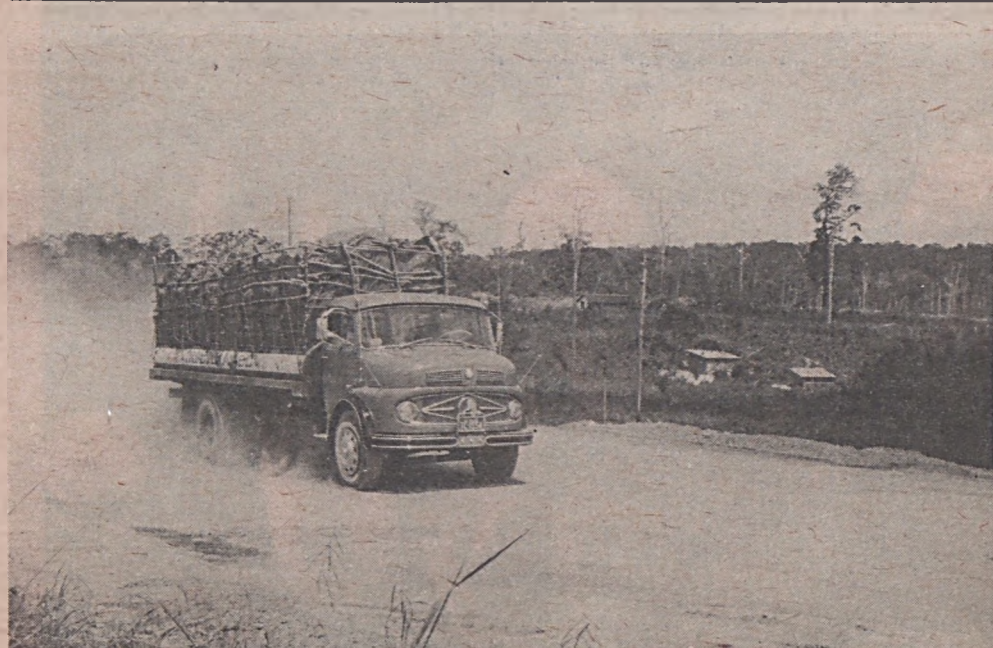
Se as margens da “Pioneira” já se vão civilizando, sendo habitadas, as da “Implantada” continuam abandonadas, sem que se veja ninguém em parte alguma nem povoados nem casas construídas nas proximidades. Deserto.

Assim é que, dadas as circunstâncias excepcionais em que viajamos, por assim dizer sob as vistas e assessorados pela própria Rodobrás, vamos ziguezagueando por variante e desvios, indo da “Pioneira” à “Implantada”, conforme é possível passar por uma ou pela outra, a poeira nos acompanhando, “hélas”!, por toda a parte.

Imensidão monótona, onde não há nada para ver, sem acidentes, variações. Depois, surgem bosques ralos, de um verde claro, salpicados



# O NORTE BELÉM - BRASÍLIA



Poeira e caminhões, os companheiros da viagem



A Implantada, grande parte em obras

de ipês amarelos. Impressão de beleza na imensidão descampada. Maravilhoso! Na estrada, desvios sinuosos, variantes esburacadas, movimento de caminhões, poeira. Ônibus. Não se sabe como conseguem fazer a estrada durante o ano todo, regularmente, mesmo na época das chuvas. Admirável! De espantar! Lugarejos que lembram Guimarães Rosa, choças cobertas de folhas de palmeiras. Numa, tabuleta: "Magazine"... Até aqui... Oh! Civilização! Oh! Comunicação de massa! Paramos para almoçar no Escritório de Guarié, onde não somos esperados. Não faz mal. O engenheiro ali está, amável, um tanto pasmado, terrivelmente sem assunto. Apesar de cedo ainda, estamos de novo imundos, cor de barro, verdadeiras figurinhas do Vitalino de Caruaru... Como não há comida no escritório, o engenheiro nos leva a uma churrascaria (outra), onde almoçamos. Bem. Conosco chega outra "perua" em que viaja numerosa família paulista. Casal moço, penca de filhos de ambos os sexos, obesos, cabeludos, sujos, desgrenhados, guinchantes (no sentido de darem guinchos) Vão pescar no Araguaia, de que se fala aqui, como no Tocantins, como nós, do Pinheiros ou do Tietê.

De novo na estrada. Um caminhão, envolto em poeira, corta a curva mesmo sem ter a menos visibilidade. Por um triz não nos pega. Como vamos chegar, com o máximo cuidado, Moisés, bom chofer, consegue fazer a perua, muito maleável, subir no barraco. Escapamos. De fininho. Calor... suportável... Nuvens contínuas de pó formam túneis, docéis, pairantes no ar, imóveis, nas baixadas. Pesam. Lembram — em secas — a neblina da Serra de Santos, Bois e vacas, cavalos, animais soltos pela estrada, até tropas que temos de varar a custo, submersos em gado. Perigos. Chegamos a Araguaiana por volta das dezoito horas. O engenheiro Chefe está ausente.

Esperamos por ele. Deve chegar a noite de Imperatriz, cidade mais importante, mais rica da região. Apesar dos quilômetros percorridos, muitos, muitíssimos, da poeira, dos solavancos contínuos, da falta de visibilidade na estrada, o que nos obriga, mesmo não guiando, a prestar atenção no caminho, não sinto cansaço algum. Estranho. Mais estranho ainda: apesar da poeira sorvida em largos sustos, o pigarro matinal que me aflige diariamente em São Paulo sumiu. Poluição versus poeira. Como irritante das mucosas a poluição venceu... Enquanto esperamos o engenheiro somos razoavelmente comidos pelos pernilongos, os primeiros a encontrarmos durante a viagem. O canto do inhambuchororó, que me lembra o sítio de Itatiba, me consola — e quanto! — das mordidas. "No entardecer, antes do sol sumir, é lindo ouvir cantar na mata o inhambu..." como cantava, mais ou menos, uma modinha caipira do tempo de dantes. É lindo, sim, poético, melancólico, mesmo quando não há mata, como aqui é tão brasileiro. Gostoso a gente se sentir assim, no fundo do Brasil! Nem percebo o tempo passar. E o engenheiro por fim chega. Não sabia da nossa chegada, irrita-se, acaba amainando, providenciando o motorista que deve dirigir a "perua" até Imperatriz. Este chama-se Júlio e também é caboclo, como o precedente. Casado, se mostra falastrão. Dá informações sobre tudo, e tudo errado. Quer ser muito bem informado, não sabe nada de nada. Partimos, já noite. A estrada varia, de má a péssima. Uma variante nos leva para longe, no meio do cerrado. De repente, depois de uma curva, em pleno deserto, um caminhão parado meio de lado nos faz sinal para pararmos também. Vê lá! Nestas alturas? De noite? A nossa única arma, o velho "Colt", encafuada no fundo de uma mala? Nunca, jamais! Tocamos. Cin-

quenta metros adiante o caminho, que nem estrada mais é, piora a tal ponto que somos obrigados a andar a passo, a passos lentos, lentísimos... Um ou mais homens do caminhão parado, por pouco que se apressassem nos pegariam facilmente. Medão! E se vierem? Tento espiar pelo vidro do fundo da "perua". Será que vêm? Acho que sim... Virão mesmo? Não! Ninguém se aproxima. O caminho melhora, já é quase uma estrada. Moisés, que, no fundo tinha tido a mesma idéia, o mesmo medo que eu, toca. Corremos. O caminhão some na distância e na escuridão. Voltamos à calma, descontraídos. O susto passou. Chegamos a Imperatriz lá pela meia-noite, imundos e, pela primeira vez, exaustos. Tudo escuro, no acampamento. Ninguém à nossa espera. Descemos da Veraneio, damos volta à casa, acabamos conseguindo acordar o empregado, bastante mal humorado. Faz-nos entrar. Luz elétrica não há. Peço, pelo menos, uma vela. Também não tem. Saco, triunfante, o meu "flash", presente utilíssimo, como todos que dá, da generosa amiga Gemma. No quarto uma única cama. Moyses vai à cidade comprar velas, água mineral, alguma fruta que se come, bananas, por exemplo. À luz do "flash" impecciono os aposentos. Num segundo quarto há duas camas por fazer. Peço ao empregado que se dedique, faça as camas. Nega-se. Propõe que se durma em redes. Nego-me. Proponho uma boa gorjeta para que estenda os lençóis. Não precisa gorjeta, diz... mas estende... Tudo no escuro. Moyses volta da cidade de mãos abanando, não encontrou nem frutas, nem água mineral, nem velas. Quer dizer, vela arranhou uma, dada por alguém que teve pena de nossa situação. Logo, dispo-me no escuro, tomo banho no escuro, deito limpíssimo, no escuro e, no escuro, durmo como um anjo.

**HOTÉIS REUNIDOS S.A.**

**HORSA**

**OS MELHORES HOTÉIS DO BRASIL**

**BELÉM:** Excelsior Grão Pará

**BELO HORIZONTE:** Del Rey

**BELO HORIZONTE:** Excelsior

**BRASÍLIA:** Nacional

**RIO:** Excelsior Copacabana - Nacional Rio

**S. PAULO:** Jaraguá - Excelsior

**HOTEL NACIONAL RIO** - Novo símbolo da Guanabara

Para reservas nos Hotéis Horsa, use gratuitamente o nosso TELEX pelos fones - S. Paulo: 287-7522 - Rio: 257-1950 ou a agência de turismo de sua preferência.